



# A FEBRE

DIRIGIDO POR MAYA DA-RIN



## RELEASE DE IMPRENSA

2019 | DCP | 1:1,85 | 5.1 Mix | 98 min

Uma coprodução Brasil, França e Alemanha

Dirigida por Maya Da-Rin

Falada em português, tukano e tikuna

## DEPOIMENTO DA DIRETORA

”A ideia inicial para o projeto surgiu durante as filmagens de dois documentários que realizei na Amazônia, quando conheci algumas famílias indígenas que haviam deixado suas aldeias na floresta para se estabelecerem nas cidades. Me vi também confrontada com uma nova geração de indígenas urbanos, que carregam sua tradição enquanto lutam por um espaço na sociedade brasileira. As histórias que eles me contaram revelavam a complexa e tensa relação entre as sociedades indígenas e ocidentais, que marca a história do Brasil desde os tempos da colonização. Motivada por esses encontros, comecei a tomar as primeiras notas para um filme centrado na relação entre duas gerações, um pai e uma filha que vivem em Manaus”

Maya Da-Rin



## SINOPSE CURTA

Justino, um indígena Desana de 45 anos, é vigilante do porto de cargas de Manaus. Enquanto sua filha se prepara para estudar medicina em Brasília, ele é tomado por uma febre misteriosa que o leva de volta a sua aldeia, de onde partiu vinte anos atrás.

## SINOPSE LONGA

Manaus é uma cidade industrial cercada pela floresta amazônica. Justino, um indígena Desana de 45 anos, trabalha como vigia no porto de cargas. Desde a morte de sua esposa, sua principal companhia é sua filha mais nova, com quem vive em uma casa modesta na periferia. Enfermeira em um posto de saúde, Vanessa é aprovada para estudar medicina em Brasília e terá que viajar em breve.

Confrontado com a opressão da cidade e a distância de sua aldeia, de onde partiu há mais de vinte anos, Justino se vê condenado a uma existência sem lugar. Com o passar dos dias, é tomado por uma febre forte. Durante a noite, uma criatura misteriosa segue seus passos. Durante o dia, luta para mante-se acordado no trabalho. Mas logo a rotina tediosa do porto é quebrada pela chegada de um novo vigia. Enquanto isso, na televisão, fala-se de um animal selvagem à espreita no bairro.



# OS POVOS DO ALTO RIO NEGRO

Os Desana, ou Umuko Masá (“gente do universo”), pertencem a um amplo complexo intercultural formado por mais de 20 povos que habitam a região do Alto Rio Negro, no noroeste do estado brasileiro do Amazonas, próximo à fronteira com a Colômbia. Além dos Desana, vivem também na região os povos Tukano, Tariano, Karapanã e Tuyuca, entre outros. São etnias patrilineares e exógamas (ou seja, falam a língua do pai, mas devem se casar com integrantes de outros povos) e partilham muitas características comuns, principalmente no que diz respeito aos mitos, às atividades de subsistência e à cultura material.

Apesar de cada um desses povos ter sua própria língua, o tukano foi adotado como língua franca, facilitando a comunicação entre eles. Os atores principais de A FEBRE são falantes de tukano e originários de comunidades do Alto Rio Negro. Enquanto Regis Myrupu (Justino) pertence ao povo Desana, Rosa Peixoto (Vanessa) e Jonathan Sodrê (Everton) são tarianos; e Edmildo Vaz Pimentel (André), Anunciata Teles (Marta) e Rodson Vasconcelos (Josué), tukanos. O filme é falado em português e tukano, e os diálogos em tukano foram concebidos e traduzidos pelos atores durante os ensaios.

## *Cosmologia*

Um componente crucial da cosmologia dos povos do Alto Rio Negro são as relações entre os seres humanos, os animais e a floresta. Na mitologia e nos discursos xamânicos, os animais e demais seres que agem intencionalmente são “gente” e habitam mundos aparentemente semelhantes ao mundo dos seres humanos. Ou seja, vivem em comunidades organizadas em malocas; para sobreviver plantam roças, caçam e pescam; usam ornamentos e participam de festas.

O que há portanto em comum entre os diferentes seres é a sua subjetividade e, enquanto sujeitos, seu modo de vida é aquele da cultura humana. Mas eles também carregam suas diferenças, pois têm corpos, costumes e comportamentos diferentes, além de observar as coisas de perspectivas distintas. Se na vida cotidiana as pessoas enfatizam sua diferença dos animais, no mundo dos espíritos, acessados pelos rituais, pelo xamanismo e pelos sonhos, as perspectivas frequentemente se fundem ou se invertem. Isso tem importantes repercussões no cotidiano, pois em sociedades impregnadas por uma dimensão extraordinária e metafísica, para sobreviver e prosperar, bem como assegurar o bem-estar de sua família, todos os adultos precisam de alguma habilidade para manejar as forças de criação e destruição que os cercam.

## *Primeiros contactos*

Por estar imersa na floresta densa e ser atravessada por cachoeiras que dificultam a navegação, a região do Alto Rio Negro permaneceu relativamente protegida, pelo menos durante certo tempo, do genocídio provocado pela invasão europeia. O primeiro contato se deu ainda no século XVI com os espanhóis vindos do atual território colombiano. No século XVIII, chegaram as incursões maciças de portugueses em busca de escravos para as plantações de cana e algodão e, no século XIX, para trabalharem como seringueiros na extração da borracha.

Mas foi a chegada dos missionários salesianos, no início do século XX, que provocou as maiores transformações na região. As malocas, consideradas “antros licenciosos e promíscuos”, foram substituídas por casas unifamiliares, e as crianças foram removidas à força de suas famílias para serem educadas em internatos. As festas de dança eram vistas como ocasiões de “indecência e embriaguez”, e os pajés “charlatões” que aliciavam o povo . Sob o regime estrito dos internatos, as crianças foram ensinadas a rejeitar os valores e os modos de vida dos seus pais, incentivadas a casar-se dentro de seus próprios grupos, e proibidas de falar as línguas que lhes conferiam identidades múltiplas e interligadas.

## *A migração para as cidades*

No fim dos anos 1960, durante o auge da política desenvolvimentista de ocupação da região Amazônica, a criação da Zona Franca de Manaus atraiu mais de um milhão de imigrantes para trabalharem nas fábricas do novo Polo Industrial. Junto com eles, muitos indígenas também deixaram seus territórios tradicionais em busca de trabalho assalariado, saúde e educação. Sem nenhum projeto urbanístico e social para receber essa nova população, Manaus se expandiu rapidamente floresta adentro. Se na época a cidade tinha 200 mil habitantes, atualmente conta com mais de dois milhões e segue recebendo diariamente imigrantes dos diversos povos indígenas da região.

Desde então, o avanço das cidades sobre as matas, somado à escassez de alimento, ao desmatamento, e à presença dos garimpeiros motivam um número cada vez maior de pessoas a deixarem suas aldeias no Alto Rio Negro. Ao chegar nas cidades, no entanto, precisam enfrentar o preconceito da sociedade nacional e, muitas vezes, acabam renunciando a seus costumes e tradições. A Constituição de 1988 trouxe muitos avanços ao reconhecer diversos direitos dos povos originários, inclusive o direito à terra. Desde então, muitos voltaram a se autodeclarar indígenas. Mais recentemente, o fortalecimento das lutas identitárias, a valorização das culturas e a reivindicação pelo direito a

políticas diferenciadas ganharam força, ainda que nos últimos anos tenha havido várias tentativas de recuo, que representam ameaças concretas às conquistas tão duramente alcançadas.



# ENTREVISTA COM MAYA DA-RIN

*Qual a origem do projeto de “A Febre”? Como surgiu a ideia para o filme e como você o situa na sua trajetória pessoal?*

A ideia inicial surgiu durante as filmagens de dois documentários que realizei na Amazônia, quando conheci algumas famílias indígenas que tinham deixado suas aldeias na floresta para viver na cidade. Acabei me aproximando de uma dessas famílias e essa relação foi o disparador do argumento. Decidi então ambientar o filme em Manaus, uma cidade que já tinha visitado algumas vezes e sempre me intrigou por ser um polo industrial cercado pela floresta. De certa forma, meu ponto de partida foram histórias reais, que me interessaram principalmente porque eram histórias de personagens com os quais eu poderia cruzar no cotidiano. Sabemos da propensão do cinema em “exotizar” as culturas indígenas e da tendência em enxergá-las por um prisma romântico e positivista, como remanescentes daquilo que as culturas ocidentais foram no passado e não como as sociedades complexas e atuais que são. Mas o argumento inicial do projeto era muito

diferente do que o filme acabou se tornando. Foram seis anos de trabalho e muitas viagens a Manaus antes do início das filmagens.

*Como foi o processo de pesquisa? O filme lida com culturas e línguas específicas, então, que material serviu de base para o filme, e de que maneira esse material foi sendo incorporado (ou não) ao roteiro?*

O roteiro foi escrito durante as temporadas que eu e Miguel Seabra Lopes, meu roteirista, passamos em Manaus. Durante a nossa pesquisa, frequentamos algumas comunidades indígenas nos arredores da cidade, acompanhamos as jornadas dos trabalhadores do porto de cargas e das enfermeiras de um posto de saúde. Vivenciamos situações que foram incorporadas no roteiro e pudemos imaginar outras que não presenciamos, mas tampouco nos teriam ocorrido sem esse convívio. Acho que esse é um método de trabalho que herdei do documentário e traduz muito do meu interesse pelo cinema: estar próxima das pessoas e escutar o que elas têm a dizer. Para mim é muito difícil imaginar um filme sentada na frente do computador. Em seguida, convidei o Pedro Cesarino, um amigo antropólogo e escritor, para trabalhar comigo sobre uma nova versão. E durante os ensaios, contei ainda com a colaboração dos atores, que tiveram uma contribui-

ção importante no roteiro.

*Como se deu a escolha do elenco? Você sempre quis trabalhar com atores não profissionais para os papéis centrais?*

A seleção de elenco foi um longo trabalho que durou mais de um ano e contou com a colaboração de uma equipe de jovens cineastas e atores manauaras. Para mim, a experiência prévia com atuação não era importante. Sempre quis trabalhar com pessoas que conhecessem de perto a história que queríamos contar. Como Manaus acolheu migrantes de diversos povos da região, preferi não definir de antemão a origem dos personagens. Durante a seleção de elenco, visitamos as comunidades indígenas dos arredores de Manaus e São Gabriel da Cachoeira, convidando quem tivesse vontade de participar do filme para uma conversa. Estive com mais de 500 pessoas para encontrar os atores do filme. Régis me chamou atenção pela sua presença e pela precisão dos seus movimentos. Já na Rosa havia algo que eu não conseguia acessar, como um segredo, que era o que eu buscava para a personagem de Vanessa. Os dois já tinham atuado antes em papéis menores, mas foi a primeira vez que participaram de um processo mais intenso e longo de filmagem.

*Como foi a preparação para as filmagens? Houve ensaio ou você preferiu improvisado? Qual foi a dinâmica da interação dos atores com o roteiro, no momento das filmagens?*

Houve muito ensaio e também muito improvisado. Eu e Amanda Gabriel, minha parceira na preparação do elenco, estivemos dois meses ensaiando com os atores antes do início das filmagens. No começo, eu ainda não sabia como as cenas se desenvolveriam. Tinha algumas pistas, vontade de experimentar certas coisas, mas as respostas vieram dos atores. Começávamos quase sempre improvisando a partir das intenções do roteiro e íamos, aos poucos, construindo as cenas junto com os eles. Podíamos passar dias trabalhando numa única cena e sempre tinha muita conversa sobre as impressões de cada um. Assim fomos nos conhecendo e descobrindo juntos o filme que queríamos fazer.

As filmagens foram a continuação desse processo. Muitas vezes começávamos a ensaiar já filmando e repetíamos várias vezes cada plano, até que o cansaço fazia com que os atores pudessem acessar uma zona de menos controle e mais entrega. À medida que repetíamos, as intenções que eu e os atores carregávamos para a cena iam aos poucos se diluindo e abrindo espaço para uma presença mais

ativa. Simplesmente estar ali, tomando um café, pegando um ônibus, conversando ou dormindo. As repetições traziam um tom mais justo para o filme do que o frescor do primeiro take. Mas isso eu só fui descobrir nos primeiros dias de filmagem.

*Como foi a escolha das locações? A região do porto, com seus imensos containers e guindastes, parece especialmente gráfica. Mas há também a cidade e a floresta, com seus limites tênues em Manaus.*

Me interessava trabalhar as relações de proximidade e contraste entre os espaços por onde Justino circula. Na floresta, por exemplo, Justino está sempre no mesmo plano da vegetação, rodeado e camuflado por ela. É um espaço no qual a distinção entre figura e fundo é muito tênue. Já no porto, temos aqueles enormes pátios de concreto repletos de contêineres. Além da diferença de escala entre os corpos e as máquinas, há uma separação clara entre figura e fundo, entre as pessoas e o seu meio. É um espaço nu, descoberto, onde Justino parece muito mais vulnerável.

Por outro lado, os corredores que se formam entre as pilhas de contêineres remetem à sensação labiríntica que experimentamos quando caminhamos na mata. E os mo-

vimentos de Justino trabalhando como vigia, muitas vezes me faziam pensar nos movimentos de um caçador à espreita na floresta. Busquei trabalhar essas relações na imagem, na mise-en-scène e na montagem. Mesmo sendo correspondências sutis, elas vão se acumulando ao longo do filme e são importantes para a construção do personagem.

*Como essa relação entre os espaços naturais e urbanos da imagem foi trabalhada no som?*

O filme quase não tem músicas, com exceção da música católica cantada em tukano durante a missa, e a música final que acompanha os créditos. Mas buscamos criar uma musicalidade no desenho de som a partir dos ruídos e dos sons ambientes. Durante a pesquisa sonora, o diretor de som Felipe Mussel percebeu uma aproximação entre o timbre agudo dos insetos da floresta e o de certas máquinas do porto de cargas. Começamos então a estar mais atentos a essas sonoridades e, na edição de som, trabalhamos criando composições com os ruídos do porto e da floresta, de forma que não éramos mais capazes de identificar a origem de cada som. São sonoridades repetitivas que nos levam a um estado hipnótico e ajudam a trazer uma dimensão febril ao filme.

*O filme se encerra com uma canção. De onde vem essa canção e quem canta? Esse desfecho estava previsto do começo?*

A música dos créditos finais foi criada pela Rosa, a atriz que interpreta Vanessa, e faz parte de uma tradição musical dos povos do Alto Rio Negro chamada Ahãbeaki ou Hãde Hãde. São improvisações melódicas cantadas pelas mulheres durante o trabalho e os rituais. A letra é sempre improvisada, mas segue uma métrica consolidada, que é ensinada pelas mulheres mais velhas para as mais novas. Em um dos ensaios, perguntamos para as atrizes do filme se elas gostariam de cantar um Hãde Hãde e a Rosa trouxe esse. Mesmo tendo vindo para Manaus ainda criança, ela conhecia essas melodias que eram cantadas por sua mãe. Mas, naquele momento, não sabíamos ainda que o filme terminaria assim. A ideia surgiu durante a montagem, com a Karen Akerman [montadora].

*Você se inspirou em alguns filmes em particular?*

Existe hoje no Brasil uma forte produção de filmes realizados por cineastas indígenas que foram uma grande referência para mim, como, por exemplo, os filmes “Tatakox” (2007) e “Xupapoyñãg” (2012), de Isael e Suely Maxacali. São obras que estabelecem uma relação muito livre

com a temporalidade e a construção da narrativa. Alguns desses filmes me fazem pensar nos primeiros anos do cinema, quando as convenções narrativas ainda não tinham se fixado e os realizadores gozavam de uma liberdade muito maior.

Alguns outros filmes realizados por diretores não indígenas foram também importantes para o desenvolvimento de “A Febre”. “Os Exilados” [The Exiles, EUA, 1961] é um filme no qual Kent Mackenzie acompanha um grupo de indígenas recém migrados para a periferia de Los Angeles, com um trabalho de atuação muito interessante baseado na improvisação. O brasileiro “Iracema, uma transamazônica” [Brasil, 1975], de Orlando Sena e Jorge Bodanzky, é um clássico que revi algumas vezes enquanto preparava “A Febre”. E “O Homem Leopardo” [The Leopard Man, EUA, 1943] é um filme que já nos anos 1940 trazia uma crítica aguda sobre o preconceito contra os indígenas, além da genialidade do Jacques Tourneur na construção do suspense e da atmosfera.

*Questões ligadas à saúde e à medicina estão entre os fios que tecem a narrativa do filme. Justino é acometido por uma febre, mas não parece acreditar que pode ser curado pelos médicos, Rosa é enfermeira e vai estudar medicina. O título também é altamente sugestivo nesse aspecto. Como você relaciona esses elementos?*

Os povos do Alto Rio Negro entendem a doença de forma complexa. Para efetuar o diagnóstico e encontrar a cura, o tratamento deve levar em consideração uma ampla teia de relações entre o doente e outros seres da floresta (animais, espíritos e outros humanos). Isso normalmente é feito pelo pajé, ou kumu, como é chamado pelos povos do Alto Rio Negro, aquele capaz de gerenciar as várias alteridades que agem sobre o sujeito, reestabelecendo o equilíbrio. Trata-se de um trabalho de tradução e mediação entre os animais, os espíritos e os humanos. Por isso, muitas vezes referem-se aos pajés como diplomatas.

Na língua tukano, por exemplo, não há uma palavra para 'natureza', nem uma diferenciação entre humanidade e meio ambiente. Todas as criaturas que agem com alguma intenção são consideradas 'gente', o que significa que são sujeitos, não objetos. Isso altera completamente o modo como as relações se dão numa sociedade. É uma premissa muito diferente da nossa, que sempre negou ou suspeitou da humanidade do outro. Foi assim quando os europeus chegaram nas Américas e na África dizendo que in-

dígenas e negros não tinham alma para poder escravizá-los, ou quando criamos animais em condições cruéis para serem abatidos em grande escala, ou ainda quando retiramos os recursos das florestas acreditando que estamos agindo em benefício da nossa espécie, sem considerar todas as outras que vivem ali. Acredito que a nossa sociedade está doente porque não é mais capaz de se relacionar com o outro ou suportar as diferenças. Somos uma espécie que extermina a si própria. Isso aconteceu durante séculos de colonização e segue acontecendo hoje, quando fechamos os olhos para os imigrantes e refugiados, ou quando agimos com indiferença em relação ao aquecimento global e o desmatamento das florestas.



# ENTREVISTA COM RÉGIS MYRUPU'S (Justino)

Pertence à etnia Desana, Regis Myrupu nasceu em Parí-cacheira, comunidade indígena que reúne 23 diferentes povos ao noroeste da Amazônia, próxima à fronteira da Colômbia. Seu nome, Myrupu, significa “o soprar do vento”. Com seu avô e seu pai, aprendeu as particularidades da cultura desana e tornou-se líder espiritual (xamã). Em 1995, aos 15 anos, mudou-se com a família para o município de Barcelos, e em 2002 se estabeleceu na comunidade de São João do Tupé, nas cercanias de Manaus. Desde 2014, coordena o projeto Floresta Cultural Herisārō, onde, baseado em seu conhecimento ancestral, trabalha para uma troca sustentável entre o turismo responsável e a cultura indígena. “A Febre” é seu primeiro filme.

## *Onde você nasceu e passou a infância?*

Nasci na aldeia dos Tukano em Parí-Cachoeira e morei lá até os 15 anos. Tive a grande sorte de nascer numa família de xamãs, ou pajés. Desde pequenininho, com

três ou quatro anos, eu estava sempre perto do meu avô, que me contava histórias a respeito da nossa cultura e da natureza em geral. Quando fiz seis anos, entrei na escola. Pela manhã, ia para a escola, e quando voltava, comia alguma coisa, brincava com meus amigos e depois ficava direto com meu avô ou com meu pai, o sucessor dos conhecimentos da nossa cultura.

## *Por que você e sua família foram para Manaus?*

A missão Parí-Cachoeira era um povoado bem grande. Comunidades indígenas de 23 povos diferentes vivem lá, por conta de escolas e outras coisas. A comunidade cresceu bastante e a comida foi se tornando cada vez mais escassa. Alguns dias, a gente só tinha para comer quinhapira, uma panela com água, sal e pimenta, que você esquentava e come com biju, feito da mandioca. Quando descobriram um garimpo de ouro nas proximidades, meu pai foi para lá e passou três meses trabalhando para nos sustentar. Como ele conseguiu aquele pouquinho de ouro com muito sacrifício, quis vender por um preço melhor, e deu um jeito de ir para Manaus. Nessa viagem, encontrou meu tio, que já tinha saído há mais de 20 anos e chamou ele para morar perto. Então meu pai falou: ‘tá bom, mas eu tenho que voltar para a minha aldeia porque não posso decidir sozinho’. Ele perguntou o que a gente achava e ficamos refletindo um pouco, porque fazer uma

mudança não era simples. Depois de um mês, compramos passagens e fomos para a Vila dos Carvoeiros, comunidade do município Barcelos, onde passamos seis anos. Depois fomos para São João do Tupé, que fica a 25 quilômetros de Manaus.

## *Como foi seu encontro com “A Febre”?*

Para falar a verdade, o filme chegou até a mim. Em 2014, comecei a trabalhar com turismo e a preservação da cultura dos povos indígenas. Como eu era o responsável pelo grupo, fui procurado pela Dheik Praia [realizadora e produtora manauara, responsável pela pesquisa de elenco] perguntando se conhecia alguém com idade entre 45 e 50 anos para participar de um filme. Dheik começou a explicar o perfil do Justino, calmo, reflexivo, conhecedor da própria cultura. Respondi que no grupo não tinha ninguém com esse perfil, e pela idade achei que eu estava fora, pois tinha 38 anos na época. Mas, vendo meu modo de expressar e conversar, ela disse para eu me inscrever. Até que, certo dia, tocou o telefone com a chamada para um teste. Para mim foi tudo novo, nunca tinha passado por situações assim. A Maya me recebeu, fez algumas perguntas, eu falei um pouco de mim, ela me pediu para fazer alguns movimentos. Na hora ela não deu uma resposta, mas como antes de ir embora eu falei que eu viajaria para a Itália em breve, Maya perguntou quando

e por quanto tempo eu deveria ficar fora. Nessa hora, percebi que ela ia me escolher.

## *Como foi a experiência das preparações e das filmagens?*

Antes, como a gente trabalhava com turismo, chegavam televisões de fora e faziam filmagens totalmente diferentes. Com “A Febre” eu descobri o que era fazer um filme. Tivemos ensaios com duas pessoas muito bem instruídas: a Amanda Gabriel e a diretora Maya Da-Rin fizeram despertar o que estava dormente dentro de nós, o que a gente não sabia, elas fizeram a gente ver. Com a ajuda delas, consegui me sentir tranquilo e me deixar ir. Acho que foi uma coisa muito boa e nova. Descobri um novo conhecimento e surgiu uma nova oportunidade, até mesmo para sobreviver. Além disso, também teve a liberdade de expressão, de fazer do nosso jeito, dos Desana.

## *Como foi sua contribuição no roteiro?*

Antes dos ensaios, a Maya foi para São João do Tupé, onde eu moro ainda, e ficou dois ou três dias. Ficamos lá ajeitando o roteiro. Como o ator principal era um Desana, o filme precisava seguir nosso comportamento, nosso diálogo. Então ajudei a Maya a construir esse lado, principalmente

os diálogos, porque os diálogos em português são muito diferentes dos diálogos indígenas. Foi uma coisa muito sutil, muito delicada, difícil de construir realmente. Mas se os indígenas que pertencem ao meu grupo, que são de 23 tribos diferentes, forem assistir ao filme e escutarem essa versão, eles vão entender e confirmar: é isso mesmo.

### *Como é sua vida hoje e o que você espera do filme?*

Desde 2014, quando começamos a trabalhar no projeto Floresta Cultural Herisãrõ, minha preocupação maior é resgatar a cultura, porque quase a metade da nossa cultura foi perdida com a chegada dos missionários. Por isso, também foi muito importante participar do filme “A Febre”, e assim ter mais uma oportunidade de divulgar a nossa cultura. Isso era uma grande preocupação do meu pai. Normalmente nós indígenas nos casamos cedo, e com 24 anos eu estava solteiro ainda. E ele sempre dizia: filho, você tem que pensar em você, mas no futuro também. O futuro, para ele, significava eu me casar e ter filhos, para transmitir os conhecimentos. Em 2013, aconteceu uma mudança radical na minha vida, que foi conhecer a minha esposa. Ela é italiana, estrangeira. Eu pensava em me casar com uma pessoa que pudesse valorizar minha cultura e tivesse respeito, e essa pessoa era justamente ela, talvez

muito mais do que as próprias mulheres indígenas. Na nossa família, vivemos a nossa cultura de uma forma superficial, porque para nós é uma coisa natural. Já para o ponto de vista dela, a nossa cultura é uma coisa muito mais valiosa. Então aquele modo de ver dela me fortaleceu bastante. Comecei a acelerar o estudo com meu pai, a fazer pesquisas. Faltavam os filhos, para serem os sucessores desse conhecimento. Tentamos, mas não era o momento, até que em junho de 2019 chegou a nossa criança. Eu esperava um menino, segundo nossa tradição, e veio uma menina. Mas quando ela chegou, chegou com toda força. Chegou superior a mim. Eu sinto isso. Depois de mim, tudo o que os pais dela falavam, tudo o que os avós dela falavam, ela vai levar para frente.



# ENTREVISTA COM ROSA PEIXOTO (Vanessa)

Rosa Peixoto pertence à etnia Tariano, um dos povos que constituem o sistema intercultural dos tukano. Nasceu em 1988 em Iauaretê, maior núcleo populacional das terras indígenas do Alto do Rio Negro, no Amazonas. Aos 14 anos, mudou-se com a família para Manaus, e aos 15 começou a trabalhar como atriz no grupo de artes Dyroá Bayá, um coletivo de teatro, música e dança dedicado à divulgação das culturas indígenas, do qual sua família faz parte. Aos 21 anos, teve o primeiro papel como protagonista em cinema no curta-metragem “Uayná – Lágrimas de veneno” (direção de Júnior Rodrigues, 2010). Em 2018, mudou-se para São Paulo, onde o grupo Dyroá Bayá dá continuidade ao seu trabalho de preservação e difusão das culturas indígenas.

*“A Febre” é seu primeiro longa-metragem, mas não é sua primeira experiência no cinema. Como você se tornou atriz?*

Nasci em Iauaretê, território indígena no Alto do Rio Negro, e passei minha infância lá. Quando tinha 14 anos,

em 2002, meus pais resolveram se mudar para Manaus, porque queriam uma educação melhor para mim e para meus irmãos. Já no ano seguinte comecei a fazer pequenas participações em cinema, porque minha família trabalhava em filmes já há muitos anos, desde que meus avós participaram de “Brincando nos campos do senhor” [Hector Babenco, 1991]. Aos 21 anos, fui protagonista do curta-metragem “Uayná – Lágrimas de veneno”, e antes de “A Febre” participei do documentário “Ser ou não ter”. Pelo fato de eu ser indígena, muitas pessoas não me reconhecem como atriz. Mas isso não incomoda, só me fortalece.

*Como foi seu encontro com “A Febre”?*

Um amigo soube que estavam procurando atores indígenas e me avisou. Mas, claro, assim como em qualquer outro filme, passei pelas etapas de testes, até que, muito tempo depois, quando na verdade eu nem me lembrava mais, recebi a ligação da Maya falando que eu havia sido escolhida para o papel da Vanessa. A preparação foi o momento de me familiarizar com os outros atores e de me adaptar à personagem. Tivemos vários ensaios. Já havia participado de filmes antes, mas nada se compara, porque até então foram apenas pequenas participações. O processo foi longo e cansativo, pois foi a primeira vez que tive um destaque tão grande, e precisei passar por várias etapas até conseguir me incorporar a Vanessa.

*Como é seu trabalho no grupo Dyroá Bayá?*

Minha família começou a trabalhar com artes depois do filme “Brincando nos campos do senhor”, que teve participação de meus avós, em 1991. Quando chegamos em Manaus, em 2002, meus pais e meus irmãos foram convidados a participar de uma peça teatral do grupo Salamandra. Em seguida, em 2003, formamos o grupo Dyroá, e com ele já realizamos várias apresentações de teatro, dança e participações em cinema. O grupo vem trabalhando com a divulgação da cultura e mostrando a arte ancestral para a sociedade atual, realizando oficinas, apresentações em escolas, praças, hotéis do “trade” turístico, conferências, e atuando em filmes, séries, clipes, comerciais e peças de teatro. Desde janeiro de 2019, o grupo continua esse trabalho em São Paulo.

*O que sua personagem tem em comum com a sua trajetória, e até que ponto são diferentes?*

Uma das coisas com que me identifiquei foi pelo fato de ela e sua família ainda manterem tradições e falarem o idioma nativo, apesar de estarem morando na cidade. Também me identifiquei com o fato de ela ser muito preocupada com a família. Vanessa é uma mulher forte, determinada e trabalhadora. Uma coisa que não tem nada

a ver comigo é o fato de ser enfermeira, e também de resolver deixar o pai para ir em busca de seu sonho. Eu não teria essa coragem de deixar meus pais.



## MAYA DA-RIN

Cineasta e artista visual, Maya Da-Rin é graduada pelo Le Fresnoy, tem mestrado em Cinema e História da Arte na Sorbonne Nouvelle, e cursou oficinas na Escola de Cinema e TV de Cuba. Participou de residências no Centro de Arte LOBoral (Espanha), na Cinéfondation (Festival de Cannes), e no TorinoFilmeLab (Festival de Torino). Seus trabalhos foram exibidos em festivais como Locarno, Toronto, Rotterdam, e em museus e centros de arte como MoMA e New Museum.

Seu primeiro longa de ficção como diretora, “A Febre” (2019), teve sua estreia mundial na competição internacional do Festival de Locarno, onde ganhou o Leopardo de Ouro de Melhor Ator, além do prêmio da crítica internacional FIPRESCI e do prêmio do especial do júri “Environment is quality of life”. Até o momento, “A Febre” já foi exibido em mais de 60 festivais internacionais e ganhou 30 prêmios, incluindo Melhor Filme nos festivais de Brasília, Biarritz, Pingyao, Indie Lisboa e Mar del Plata, e Melhor direção em Chicago e Rio.



## FILMOGRAFIA

“A Febre” [The Fever], Longa-metragem de ficção, 2019, 98’

“Camuflagem” [Camouflage], vídeo instalação, 2013, 6’

“Horizonte de Eventos” [Event Horizon], vídeo instalação, 2012, 45’

“Version Française” [French Version], curta-metragem, 2011, 19’

“Terras” [Lands], 2009, documentário, 2009, 70’

“Margem” (Margin), 2007, documentário, 2006, 54’

“E Agora José?” (“The World Tilts to Here”), documentário, 2002, 27’



**RÉGIS MYRUPU** pertence à etnia Desana. Nasceu em Pari-cachoeira, comunidade indígena que reúne 23 diferentes povos ao noroeste da Amazônia, próxima à fronteira da Colômbia. Seu nome, Myrupu, significa “o soprar do vento”. Com seu avô e seu pai, aprendeu as particularidades da cultura desana e tornou-se líder espiritual (xamã). Em 1995, aos 15 anos, mudou-se com a família para o município de Barcelos, e em 2002 se estabeleceu na comunidade de São João do Tupé, nas cercanias de Manaus. Desde 2014, coordena o projeto Floresta Cultural Herisãrô, onde, baseado em seu conhecimento ancestral, trabalha para uma troca sustentável entre o turismo responsável e a cultura indígena. “A Febre” é seu primeiro filme.

**ROSA PEIXOTO** pertence à etnia Tariano, um dos povos que constituem o sistema intercultural do Alto Rio Negro. Nasceu em 1988 em Iauaretê, maior núcleo populacional das terras indígenas do Alto do Rio Negro, no Amazonas. Aos 14 anos, mudou-se com a família para Manaus, e aos 15 começou a trabalhar como atriz no grupo de artes Dyroá Bayá, um coletivo de teatro, música e dança dedicado à divulgação das culturas indígenas, do qual sua família faz parte. Aos 21 anos, teve o primeiro papel como protagonista em cinema no curta-metragem “Uayná – Lágrimas de veneno” (direção de Júnior Rodrigues, 2010). Em 2018, mudou-se para São Paulo, onde o grupo Dyroá Bayá dá continuidade ao seu trabalho de preservação e difusão das culturas indígenas.



## SOBRE A PRODUÇÃO

Já a partir de 2014, quando assumiu sua primeira forma, o projeto de “A Febre” passou por vários encontros de coprodução e laboratórios: Brasil CineMundi (em Belo Horizonte), Cinéfondation (programa de residência do Festival de Cannes), Torino FilmLab, na Itália, e La Fabrique (encontro de coprodução também realizado pelo Festival de Cannes). O projeto foi contemplado pelo fundo Hubert Bals do Festival de Roterdã para desenvolvimento, o Aides au Cinéma du Monde (principal fundo de francês de apoio ao cinema mundial promovido pelo CNC) e ganhou o prêmio do Torino FilmLab. Depois, chegaram aportes do fundo regional Ile-de-France, de Paris, e do World Cinema Fund, do Festival de Berlim. “Todos esses fundos internacionais ajudaram a montar o financiamento do filme, em conjunto com o Fundo Setorial do Audiovisual, no Brasil” conta o produtor Leonardo Mecchi. “Foi de enorme importância ‘A Febre’ ter participado da linha específica do Fundo Setorial para o cinema autoral, que financiou uma grande parte dos filmes brasileiros que nos últimos anos tiveram visibilidade internacional e que têm circulado pelos principais festivais do mundo”. Todos esses aportes permitiram montar o desenho de produção do filme, que foi rodado ao longo de sete semanas em Manaus.

Em suas passagens por mercados e encontros de coprodução, “A Febre” despertou o interesse de coprodutores europeus. Da França, entrou a Still Moving, que já tinha participado de “Pendular”, de Julia Murat; da Alemanha, a Komplizen Film, dos mesmos produtores de “Toni Erdmann”, um dos títulos mais elogiados do Festival de Cannes de 2016. “A colaboração dos nossos coprodutores internacionais foi fundamental, não apenas no financiamento do projeto, mas também na elaboração do desenho de produção e distribuição, planejando conosco o filme nas suas diversas fases”, conclui Leonardo Mecchi.

## TAMANDUÁ VERMELHO

Depois de terminar a formação em Cinema e Artes Visuais no Le Fresnoy, Maya Da-Rin decidiu criar a sua própria empresa, trazendo a bordo os documentários “Terras” (que estreou no Festival de Locarno e foi exibido em mais de 40 festivais ao redor do mundo, ganhando nove diferentes prêmios) e “Margem” (exibido em festivais como Toulouse, Havana e Uruguai). Tamanduá Vermelho inicia suas atividades produzindo o longa-metragem “A Febre”, um projeto selecionado para a residência da Cinéfondation e para o encontro de coprodução La Fabrique (ambos organizados pelo Festival de Cannes), além dos programas Script & Pitch e FrameWork, do TorinoFilmLab. Ganhou ainda o fundo de desenvolvimento Hubert Bals Fund, do Festival de Rotterdam. O projeto também contou com o apoio do Fundo Setorial do Audiovisual, da ANCINE, do Aide aux Cinémas du Monde, do CNC, e do World Cinema Fund, do Festival de Berlim, para sua produção, além do fundo Île-de-France, para sua finalização. O filme teve sua estreia mundial no Concorso internazionale do Festival de Locarno, na Suíça (Pardo de Melhor Ator e prêmio da crítica internacional FIPRESCI), tendo recebido também os prêmios de Melhor Filme nos festivais de Biarritz e Pingyao, e de Melhor Direção no Festival de Chicago. Além disso, a empresa atualmente desenvolve o próximo longa-metragem de Maya Da-Rin, em fase de escrita).

## ENQUADRAMENTO PRODUÇÕES

Enquadramento Produções é uma produtora cultural, com sede em São Paulo, que atua no desenvolvimento e produção de projetos de curtas e longas metragens – entre eles Los Silencios, de Beatriz Seigner (coprodução Brasil/França/Colômbia - Festival de Cannes); A Febre, de Maya Da-Rin (coprodução Brasil/França/Alemanha - Festival de Locarno); Mormaço, de Marina Meliande (Festival de Rotterdam) – , selecionados para importantes festivais nacionais e internacionais, como Cannes, Locarno, Rotterdam, Viennale, FidMarseille, BAFICI, Brasília, Tiradentes e Gramado. Encontra-se ainda em finalização do longa-metragem A Morte Habita à Noite, de Eduardo Morotó. Seu sócio-diretor, Leonardo Mecchi, foi produtor executivo de longas como Obra, de Gregório Graziosi (Melhor Filme pela Crítica e Melhor Fotografia no Festival do Rio), Super Nada, de Rubens Rewald (Melhor Filme e Prêmio Especial do Júri na mostra Novos Rumos do Festival do Rio) e Quebradeiras, de Evaldo Mocarzel (Melhor Documentário no Festival de Toulouse, França; Melhor Direção,

Fotografia e Som no Festival de Brasília). Foi também produtor associado do documentário O Processo, de Maria Augusta Ramos (Festival de Berlim).

## STILL MOVING

A Still Moving é uma empresa internacional de produção e distribuição com sede em Paris, fundada por Juliette Lepoutre e Pierre Menahem. Recentemente, co-produziram “Pendular” de Julia Murat (Brasil), Fipresci Award na Berlinale 2017; “Tlameess” de Ala Eddine Slim (Tunísia), selecionado na quinzena dos realizadores em 2019; e “A Febre” de Maya Da-Rin ( Brasil), Locarno 2019. Atualmente, estão em pré-produção de “Feathers of a Father” de Omar El Zohairy (Egito).

Sua linha de vendas inclui “The Black Frost”, de Maximiliano Schonfeld (Argentina), Panorama Berlinale 2016; “Nos Últimos Dias da Cidade”, de Tamer El Said (Egito), Fórum Berlinale 2016; “The Last of us”, de Ala Eddine Slim “(Tunísia), Semana da crítica de Veneza - Leão do futuro 2016;” Pendular “de Julia Murat (Brasil), Berlinale Panorama 2017;” Djon Africa “, de Filipa Reis e João Pedro Miller (Portugal), Rotterdam Tigers 2018; e” A Febre ”De Maya Da-Rin (Brazil), Locarno Competition 2019.

## KOMPLIZEN FILM

A Komplizen Film foi fundada em 2000 por Janine Jackowski e Maren Ade, quando estudavam na Academia de Cinema e Televisão de Munique. Ambas são sócias diretoras e produtoras atuantes da empresa. Em 2010, Jonas Dornbach se juntou ao grupo como diretor administrativo e produtor. O foco principal da Komplizen Film é o desenvolvimento de longas-metragens e coproduções internacionais para o cinema, além de trabalhar para estabelecer diretores alemães em nível internacional. Entre os muitos créditos de produção da empresa estão “Tony Erdmann”, de Maren Ade (prêmio FIPRESCI no Festival de Cannes de 2016, indicado ao Globo de Ouro, BAFTA e Oscar); “Uma Mulher Fantástica”, de Sebastián Lelio (Urso de Prata de melhor roteiro no Festival de Berlim de 2017); e “As Mil e Uma Noites”, “Redenção” e “Tabu”, de Miguel Gomes. Em 2015, a Komplizen Film foi homenageada com o Prêmio de Realizações em Filmes Alemães pela Fundação DEFA.

# SOBRE A DISTRIBUIÇÃO

**VITRINE FILMES** Em 10 anos, a Vitrine Filmes distribuiu mais de 150 filmes. Entre seus maiores sucessos estão “Aquarius”, “O Som ao Redor”, e “Bacurau” de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, longa que já alcançou mais de 750.000 espectadores, além de “A Vida Invisível”, de Karim Aïnouz, representante brasileiro do Oscar 2020, “Hoje Eu Quero Voltar Sozinho”, de Daniel Ribeiro, e “O Filme da Minha Vida”, de Selton Mello. Entre os documentários, a distribuidora lançou “Divinas Divas”, dirigido por Leandra Leal e “O Processo”, de Maria Augusta Ramos, que entrou para a lista dos 10 documentários mais vistos da história do cinema nacional.

Em 2020, ano em que completou uma década, a Vitrine Filmes lançou no primeiro semestre “O Farol”, de Robert Eggers, indicado ao Oscar de Melhor Fotografia e “Você Não Estava Aqui”, novo longa de Ken Loach. Já no segundo semestre de 2020, lançou “Os Olhos de Cabul”, exibido no Festival de Cannes (2019) e no Festival de Cinema de Animação de Annecy (2019); “Música para Morrer de Amor”, dirigido por Rafael Gomes e produzido pela Lacuna Filmes; “Ontem Havia Coisas Estranhas no Céu”, de Bruno Risas, melhor longa-metragem de estreia no Cinéma du Réel; e “Três Verões”, dirigido por Sandra Kogut com Regina Casé, Jéssica Ellen e grande elenco. Em breve lançará “Pacarrete”, de Allan Deberton, o premiadíssimo “A Febre”, de Maya Da-Rin e “Todos os Mortos”, de Marco Dutra e Caetano Gotardo, entre outros.



## ELENCO

Regis Myrupu como Justino  
Rosa Peixoto como Vanessa  
Johnatan Sodré como Everton  
Kaisaro Jussara Brito como Jalmira  
Edmildo Vaz Pimentel como André  
Anunciata Teles Soares como Marta  
Lourinelson Wladmir como Wanderlei

## EQUIPE

Direção — Maya Da-Rin  
Roteiro — Maya Da-Rin, Miguel Seabra Lopes, Pedro Cesarino  
Produção — Maya Da-Rin, Leonardo Mecchi, Juliette Lepoutre  
Coprodução — Pierre Menahem, Janine Jackowski, Jonas Dornbach  
Companhias produtoras — Tamanduá Vermelho, Enquadramento Produções (Brazil)  
Companhias coprodutoras — Still Moving (França), Komplizen Film (Alemanha)  
Produtor executivo — Leonardo Mecchi  
Assistente de direção — Milena Times  
Direção de fotografia — Bárbara Alvarez  
Som — Felipe Schultz Mussel, Breno Furtado, Romain Ozanne  
Mixagem — Emmanuel Croset  
Direção de arte — Ana Paula Cardoso  
Figurinos — Joana Gatis  
Maquiagem — Helena d'Araújo  
Montagem — Karen Akerman



# PRÊMIOS

- Menção do júri, CineMundi coproduction Market, Mostra Cine BH (Desenvolvimento)
- Prêmio de coprodução, FrameWork, TorinoFilmLab (Desenvolvimento)
- Leopardo de Ouro de Melhor Ator, Locarno Film Festival, Suíça
- Prêmio FIPRESCI da Crítica Internacional de Melhor Filme, Locarno Film Festival, Suíça
- “Enviroment is Quality of Life” Award, Locarno Film Festival, Suíça
- Melhor Filme, Festival de Biarritz, França
- Melhor Filme, Pingyao International Film Festival, China
- Melhor Direção, Chicago International Film Festival, USA
- Silver Alexander Award, Thessaloniki International Film Festival, Grécia
- Melhor Filme, Janela Internacional do Recife, Brasil
- Melhor Som, Janela Internacional do Recife, Brasil
- Melhor Filme Latino Americano, Mar del Plata Film Festival, Argentina
- Melhor Opera Prima, Mar del Plata Film Festival, Argentina
- Melhor Filme, Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, Brasil
- Melhor Direção, Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, Brasil

- Melhor Ator, Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, Brasil
- Melhor Fotografia, Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, Brasil
- Melhor Som, Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, Brasil
- Melhor Direção, Festival do Rio, Brasil
- Prêmio Especial do Juri de Melhor Som, Festival do Rio, Brasil
- Melhor Filme, Punta del Este International Film Festival, Uruguai
- Melhor Direção, Punta del Este International Film Festival, Uruguai
- Prêmio da Crítica Uruguaia de Melhor Filme, Punta del Este Film Festival, Uruguai
- Melhor Filme Future competition, Portland Internation Film Festival, USA
- Melhor Filme, FemCine, Chile
- Melhor Filme de estreia, Cologne Dortmund Women Film Festival, Alemanha
- Melhor Filme, Indie Lisboa, Portugal
- Melhor Filme, Festival Internacional de Lima, Peru
- Menção Especial do Júri da Crítica Internacional, Festival Internacional de Lima, Peru
- Melhor Filme, Primavera do Cine, Vigo, Espanha

# FESTIVAIS

- Locarno International Film Festival, Switzerland
- Toronto International Film Festival, Canada
- Adana Golden Ball Film Festival, Turkey
- Festival de Biarritz Amerique Latine, France
- Pingyao International Film Festival, China
- Chicago International Film Festival, Usa
- Denver Film Festival, Usa
- Thessaloniki International Film Festival, Greece
- Films From The South, Oslo, Norway
- Janela Internacional Do Recife, Brazil
- Gangneung International Film Festival, Korea
- Mar Del Plata Film Festival, Argentina
- CPH PIX, Denmark
- Filmar En Latin America, Switzerland
- Melbourne International Film Festiva, Australia

- Festival International du Film d’Amiens, France
- Un État du Monde, Forum des Images, France
- Athens Avant-garde FilmFestival, Greece
- Festival De Brasilia Do Cinema Brasileiro, Brazil
- Forumdoc.bh, Brazil
- 14 Films Around The World Berlin, Germany
- Madrid Margenes, Spain
- Torino International Film Festival, Italy
- Marrakech International Film Festival, Morocco
- Festival Internacional del Nuevo Cine Latinoamericano, Cuba
- Festival Internacional do Rio, Brazil
- Rotterdam Film Festival, Netherlands
- Forum Groningen, Netherlands
- Goteborg Film Festival, Sweden
- Cinemateca de Bogota, Colombia
- Female Film Fest Malmö, Sweden
- Punta Del Este Film Festival, Uruguay
- Ficunam, Mexico
- Festival de Cine de Lima, Peru

- Portland International Film Festival, USA
- FemCine, Chile
- Vilnius International Film Festival, Lithuania
- Cinelatino Reencontres de Toulouse, France
- Cologne Dortmund Women Film Festival, Germany
- Amman International Film Festival, Jordan
- Mooov Film Festival, Belgium
- Indie Lisboa, Portugal
- International Film Festival Innsbruck, Austria
- Kino Otok Isola, Slovenia
- Taipei International Film Festival, Taiwan
- Transatlantyk Film Festival, Poland
- Melbourne International Film Festiva, Australia
- Taipei International Film Festival, Taiwan
- Transatlantyk Film Festival, Poland
- Jerusalem International Film Festiva, Israel
- Kino Zurich, Switzerland

## CONTATO

### ASSESSORIA DE IMPRENSA

Primeiro Plano

Anna Luiza Muller [annaluiza@primeiroplanocom.com.br](mailto:annaluiza@primeiroplanocom.com.br)

Marcela Salgueiro [marcela@primeiroplanocom.com.br](mailto:marcela@primeiroplanocom.com.br)

+55 21 2286 3699 | +55 21 2266 0524

### DISTRIBUIDORA

Vitrine Filmes

[contato@vitrefilmes.com.br](mailto:contato@vitrefilmes.com.br)

+55 11 3081 0968 | +55 11 3085 0373

## A FEBRE 2019

Produção

TAMANDUÁ VERMELHO  
ENROLADRAMENTO  
PRODUÇÕES

Coprodução

STILLmoving  
Kopplizen Film

Distribuição

VITRINE  
FILMES

Apoio Cultural

SECRETARIA DE CULTURA  
AMAZONAS  
HERISARO

